



## EDITORIAL – DOSSIÊ “PENSAR O CINEMA AMADOR”

Lila Foster

A nova edição da *Revista Laika* traz cinco textos dedicados à experiência amadora em quatro países diferentes: Brasil, Escócia, Estados Unidos e França. As perspectivas teóricas também são múltiplas, apontando para a riqueza da prática amadora, um universo que pode ser pensado a partir de matrizes conceituais das mais diversas: o lugar do filme doméstico em arquivos institucionais, a apropriação desses filmes como fontes históricas e material para análise visual, a relação entre memória e novas tecnologias, as particularidades e as preocupações estéticas de grupos amadores no passado e no presente. Considerando o conjunto de pesquisas desenvolvidas neste campo específico, a coleção de textos aqui apresentada concentra-se em dois temas que mereceram especial atenção nos últimos anos: a reapropriação do filme/vídeo doméstico como patrimônio, fonte histórica ou matéria de criação e a caracterização das atividades de grupos amadores.

Do ponto de vista do lugar ocupado pelo filme doméstico em arquivos públicos, Thais Blank, no texto “Políticas e estratégias de patrimonialização do cinema amador e familiar”, discute o interesse dos arquivos franceses pelo filme doméstico e a relação com a abertura do campo historiográfico a novas fontes de pesquisa, neste caso o cinema. Uma transição que torna esses objetos pessoais fontes históricas, uma mudança de estatuto na qual o arquivo realiza a passagem da memória pessoal para a esfera pública, atuando como mediador ao organizar, documentar e disponibilizar informações e filmes para o público. Em última instância, a autora investiga o caso do projeto *Mémoires Partagées*, do INA (Institut National de l’Audiovisuel), e as vicissitudes e contradições em torno do processo de difusão online dos filmes coletados diante do papel fundamental dos arquivos na correta preservação e difusão dessa valiosa cultura audiovisual.

O artigo de Beatriz Rodovalho, “O filme amador em movimento: os filmes da

família Bernas entre o êxodo e o exílio”, é a face complementar do texto de Thais Blank. Graças ao trabalho de preservação, documentação e difusão da coleção Bernas pelo *Forum des Images* (Paris), a autora teve acesso aos filmes de exílio e deslocamento rodados entre 1936 e 1966 na Europa, Estados Unidos e África por Robert Bernas, um francês de origem judaica. No corpo a corpo com as imagens, a autora compõe uma geografia do olhar explorando a relação entre o cineasta doméstico e o ato de filmar. São diversas, e às vezes contraditórias, as posições assumidas pelo sujeito que filma. O homem em posse da câmera é, a um só tempo, o pai de família, o sujeito em fuga, o colonizador, o imigrante. Nos dois textos, fica evidente como a ressignificação dos filmes, para além do núcleo familiar, é um trabalho complexo e exigente.

No âmbito da criação artística, Jennifer Proctor, em “Appropriating memories: home movies and spatial montage”, tece reflexões sobre a reapropriação de imagens domésticas no cenário das novas mídias. Estimulada por um conjunto de trabalhos práticos de seus alunos de graduação sobre montagem espacial – o uso de imagens múltiplas em uma mesma tela –, a autora identifica que muitos se dedicaram a reconfigurar as imagens de seus vídeos de família e outras imagens amadoras. Outros filmes e trabalhos de artistas também são analisados nesse entrecruzamento de memória, reapropriação, novas mídias e estética. O uso da montagem espacial se torna um recurso estético que, ao incorporar uma diversidade de tempos e lugares em um mesmo campo de visão, estabelece novas relações com o ato de rememoração e com as novas formas de recepção e visibilidade do vasto arquivo de imagens disponíveis na internet.

Quanto aos grupos e clubes amadores, eles compõem outro cenário de demandas. Em lugar do *filme-souvenir*, um registro mais descompromissado e fragmentado da vida familiar, os grupos amadores são mais voltados à realização de filmes acabados, como ficções e documentários. O interesse pela tecnologia disponível no mercado e o diálogo de adesão ou distanciamento dos padrões estéticos do cinema comercial narrativo e o cinema de gênero serão marcantes neste tipo de produção amadora mais ambiciosa. Em “Amateur film ingenuity: stylistic innovations and resistance outside the industry”, Ryan Shand analisa a obra do

cinemador escocês Frank Marshall, ativo realizador na cena amadora durante os anos 1960, a partir da novidade que significou a captação e sincronização da banda sonora nos formatos amadores e a resistência a esta incorporação na cena cineamadora. Fazer filmes sem som implicava em possibilidades criativas diferentes do cinema profissional, algo que marcava a estética amadora do período. Através do debate nas publicações amadoras da época e de dois filmes do cineasta Frank Marshall, ambos preservados pelo Scottish Screen Archive, o autor observa como a resistência ao som não era meramente uma questão de adesão ou não à nova tecnologia, mas sim uma escolha criativa e estética.

No Brasil, Laura Cánepa e Alfredo Suppia partem do desafio de conceituar o que é o cinema amador brasileiro para pensar a particularidade do cinema de bordas, um termo cunhado por pesquisadores para definir a produção de filmes populares contemporâneos feitos fora do circuito comercial, porém, em franco diálogo com o cinema de gênero e a cultura de massa. O levantamento da produção de “bordas” feito por diversos pesquisadores culminou na Mostra Itaú Cinema de Bordas, realizada desde 2009, formando uma comunidade em diálogo alimentando um já formado circuito de exibição alternativo. Além de uma importante contribuição para compreendermos as particularidades do fenômeno amador no Brasil, o texto “Perspectivas sobre o cinema amador de ficção no Brasil: o caso das ‘bordas’” alia teoria e análise fílmica para descrever as formas de produção e estratégias criativas de realizadores amadores em diversos lugares do país.

O cinema amador em suas mais diversas manifestações vai aos poucos assumindo importância como objeto de pesquisa e estudo e buscamos contribuir para o debate com o lançamento desta primeira leva de textos sobre o tema. Como a *Revista Laika* recebe textos em fluxo contínuo, esperamos que esses textos funcionem como incentivo para futuras contribuições a este dossiê.

Lila Foster – Editora do Dossiê *Pensar o cinema amador*